

# A Razão de Ser – Algumas considerações sobre André Green

Artigo

---

**César Augusto Antunes**

Membro Associado da Sociedade Brasileira  
de Psicanálise de Porto Alegre.

O universo não é ideia minha,  
minha ideia do universo, sim, é ideia minha.  
(Fernando Pessoa)

Somos feitos da matéria dos sonhos; nossa vida pequenina é cercada  
pelo sono.  
(Shakespeare)

No espaço percorrido pelo tempo de uma existência, entre o ser nada e o nada ser, buscamos dar sentido ou encontrar uma essência que justifique o estar vivo. Alguns se satisfazem em apenas viver, outros buscam no trabalho, na arte ou na ciência os argumentos do existir, tratando de oferecer contribuições ao pensamento humano, na constante busca de significados para esse curto espaço-tempo que separa o existencial do inanimado.

A psicanálise, como uma ciência contemporânea ainda em busca de consolidação e reconhecimento, afirma-se na construção de pressupostos que irão compor sua matriz disciplinar, visando à constituição dos parâmetros necessários para seu estatuto científico. Por isso, antes mesmo de ser um conhecimento humano é, ainda, uma causa.

André Green foi um dos apaixonados pela causa psicanalítica. Sempre se colocou como um defensor intransigente dos conceitos fundamentais que norteiam a psicanálise.



De família judia, pai de origem portuguesa e mãe espanhola, nasceu no Cairo em 1927. As dificuldades financeiras enfrentadas por seu pai e a doença de sua irmã, fato que obrigava sua mãe a passar muito tempo em Paris, em médicos, marcaram sua **meninice**.

Em um de seus trabalhos mais conhecidos, “A Mãe Morta”, desenvolveu a ideia de que uma depressão materna, na tenra infância, deixa marcas profundas no psiquismo; o distanciamento afetivo materno provoca uma perda do sentido amoroso necessário para desenvolver com plenitude a capacidade de amar. Ele próprio identifica as origens desse trabalho nas dificuldades enfrentadas em seu passado. Entretanto, a maneira tenaz e apaixonada com que abraçou a causa psicanalítica é forte indicadora da superação dessas marcas de origem.

Em uma época marcada pela divisão e divergência conceitual no seio de nossa ciência, Green buscou os critérios conciliatórios entre aqueles que defendiam o primado das relações objetais e os que argumentavam sobre a força da pulsão na constituição do psiquismo humano.

Com estudos sobre a importância do afeto, definiu que “o objeto é o revelador da pulsão”, ligando de forma insofismável os dois conceitos.

Seus estudos sobre os ditos casos-limite levaram-no a uma série de contribuições teóricas a respeito da metapsicologia e da complexidade da alma. Apoiado primeiramente nos estudos de Lacan, com quem veio a romper quando este se afastou da IPA, encontrou nos teóricos ingleses Winnicott e Bion as pré-concepções necessárias para novas ideias sobre o funcionamento psíquico. Conceitos, como o trabalho do negativo, o narcisismo de vida e de morte, o luto branco, a função do terceiro (terceiridade), a alucinação negativa, a posição fóbica central, marcam a criatividade de sua obra e a extensão de sua produção científica.

Percebeu que estamos condenados a viver em dois mundos: um mundo exterior ao sujeito, a realidade externa ou mundo das apresentações, e uma outra cena, interna, o mundo das representações que irão constituir a dificuldade humana de conciliar esses dois registros, onde, na maior parte das vezes, será a realidade interna a que irá ditar a conduta do indivíduo.



373

César Augusto Antunes

Podemos afirmar que André Green fez da defesa e da expansão da psicanálise a sua causa, a sua paixão de viver, foi “um psicanalista engajado”.

Faleceu no dia 22 de janeiro de 2012 em Paris.

O resto é silêncio.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

---

César Augusto Antunes  
Rua Mariante, 288/508  
90430-180 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: cesaraugustoantunes@gmail.com

